

NOS 200 ANOS DA GUERRA PENINSULAR



ENSEMBLE ARABESCO - ORQUESTRA BARROCA



Duque de Wellington

*Conde de Vimeiro, Marquês de Torres Vedras, Duque da Vitória, e Príncipe de Waterloo,
Comandante Geral vitorioso na Guerra Peninsular e Batalha de Waterloo.
(envergando a farda portuguesa de Marechal-General).*



Marechal André Massena

Comandante da Terceira Invasão Francesa de Portugal, em 1810-1811.



PROGRAMA

Rufo de timbales	Improvisação
A Batalha do Bussaco (1810)	António José do Rego (1765-1844)
Retirada do Marechal Massena Príncipe d'Esling (1810)	João Ferro (1775-1830), orquestração de Manuel Durão (n. 1987)
Batalha do Vimeiro: Cântico Patriótico (1809)	Joaquim Bachicha (1790-1810)
Cantata Hino Lusitano, Op. 10 (1811)	João Domingos Bomtempo (1775-1842)
Marcha de retirada (1810)	João José Baldi (1770-1816)
Abertura Penelope (1782)	João de Sousa Carvalho (1745-1799)
Cantata em Louvor de Lord Wellington (1810)	Marcos Portugal (1762-1830)
Cantata A Paz da Europa, Op. 17 (1815)	João Domingos Bomtempo (1775-1842), orquestração de Duncan Fox (n. 1970)
Hymno Patriótico da Nação Portuguesa (1810)	Marcos Portugal (1762-1830), orquestração de Rogério Medeiros (n. 1979)

ENSEMBLE ARABESCO - ORQUESTRA BARROCA

Sandra Medeiros *soprano* | Sara Amorim *contralto*
João Cipriano Martins *tenor* | Armando Possante *baixo*
Denys Stetsenko, Álvaro Pinto, Miriam Macaia, Raquel Cravino, Nuno Mendes, Luis Santos *violinos*
Lúcio Studer, Joseph MacRae Ballantine *violetas*
Marco Testori, Ana Raquel Pinheiro *violoncelos*
Marta Vicente *contrabaixo*
Olavo Barros, Marta Gonçalves *flautas*
Luís Marques, Jorge Cardoso *oboés*
Carolino Carreira *fagote*
Paulo Guerreiro, Tracy Nabais *trompas*
António Quítalo *trompete*
Marta Araújo *cravo*
Pedro Carneiro *timbales*
Marcos Magalhães *cravo e direcção*
Lúcio Studer *investigação e concepção*



NOTAS DE PROGRAMA

Duzentos anos após a aventura napoleónica na Península Ibérica, o Ensemble Arabesco propõe um olhar musical sobre esta época conturbada e de charneira da História portuguesa e europeia. Fruto de uma aprofundada pesquisa histórico-musical, este concerto apresenta-se como uma narrativa em torno dos acontecimentos chave das Invasões Francesas, em especial da Terceira Invasão (1810-1811). O Ensemble Arabesco propõe uma interpretação histórica em instrumentos da época de obras de compositores portugueses proeminentes da altura, compostas maioritariamente em redor de 1810, e alusivas a estes acontecimentos. Muitas destas obras, encontradas no valiosíssimo espólio na Biblioteca Nacional Portuguesa, foram redescobertas, não existindo registo de sua apresentação recente, existindo algumas apenas numa redução para piano. Devido à riqueza de algumas partituras, optou-se pelo desafio de orquestrar ao estilo da época, com o intuito de dar maior riqueza e exuberância às ideias musicais inerentes nas versões ou reduções disponíveis para piano. É de realçar o trabalho de orquestração de Manuel Durão, Duncan Fox e Rogério Medeiros, procurando ter em atenção o estilo de composição dos autores, para nos fazer chegar uma música o mais próxima do que terá sido idealizada.

Historicamente, a Guerra Peninsular correspondeu a uma fase decisiva da estratégia de Napoleão. O seu projecto passava pela eliminação dos apoios que a Inglaterra tinha em especial de Portugal, base segura para as operações das esquadras britânicas no Atlântico e no Mediterrâneo. Em Portugal, estas acções bélicas manifestaram-se através de três vagas, conhecidas como Invasões Francesas. A Primeira Invasão, iniciada em Novembro de 1807 e comandada por Andoche Junot, resultou na decisão de retirada do Príncipe Regente D. João VI e de toda a família real para o Brasil, tendo as forças luso-britânicas no entanto derrotado as tropas francesas em Vimeiro, em Agosto de 1808. A Segunda Invasão começou em Fevereiro de 1809, sob o comando do marechal Soult, no Norte de Portugal, tendo sido de novo repelidos em Maio do mesmo ano. A Terceira Invasão iniciou-se em Julho de 1810, sob o comando de Massena. Após uma derrota decisiva no Buçaco, os franceses esbarram com o poderoso complexo defensivo constituído pelas Linhas de Torres que lhes impediram o avanço sobre Lisboa, resultando na decisão de retirada. Em Março de 1811 acabaram por retirar totalmente para Espanha, perseguidos por Wellington e as forças aliadas.

Toda a sociedade da época foi fortemente marcada por estes acontecimentos, que ganharam expressão nas mais variadas formas, tais como na iconografia, nos manuscritos e em partituras. Designada por Gabriela Terenas¹ como *uma guerra de espada e pena*, são inúmeros os relatos escritos por militares britânicos em que se emancipam vivências, sentimentos e emoções pessoais em testemunhos de guerra e relatos de viagens. Instituíram-se como testemunhos de grande valor, não só do ponto de vista histórico-militar, mas também da perspectiva do olhar individual, característico do Romantismo. Serviram de inspiração na criação de peças musicais alusivas a estes acontecimentos marcantes tais como as batalhas do Vimeiro e do Buçaco, assim como a retirada do marechal Massena. Muitos incluem na própria partitura indicações verbais com a caracterização das cenas. São também muitos os autores portugueses de prosa e poesia divulgadores das façanhas e heroísmo anglo-luso. Nas várias composições vocais apresentadas neste concerto de Marcos Portugal e João Domingos Bomtempo, os textos utilizados evidenciam a bravura e

¹ G.G. Terenas, “A Espada e a Pena”, in *Guerra Peninsular 200 anos*, Biblioteca Nacional de Portugal, 2007.

tenacidade dos guerreiros luso-britânicos na sua entrega em defesa de valores de liberdade e justiça, como se pode evidenciar nos textos transcritos nas páginas que seguem.

A abertura do concerto faz-se com um exuberante *Rufo de timbales* de carácter improvisativo. De conotação bélica desde a antiguidade, este instrumento enfatiza o espírito marcial de muita da música da época, no contexto de uma Europa em guerra.



Batalha do Bussaco (gravura), Londres, 1815 [in Biblioteca Nacional Portuguesa].

Na Terceira Invasão, a 27 de Setembro de 1810 travou-se uma das batalhas mais decisivas para as forças Anglo-Portuguesas, a batalha do Buçaco. Com cerca de 25 mil portugueses e outros tantos ingleses, Wellington esperou na serra do Buçaco pela passagem das tropas francesas, a caminho de Lisboa. Tendo sido atacado por cinco vezes pelos 65 mil homens de Massena, resistiu, não cedendo, posição graças ao facto de os franceses desconhcerem a disposição do inimigo no terreno, bem como o seu número. Esta estratégia batalha resultou em numerosas perdas para os franceses, obrigando à sua retirada. A peça *A Batalha do Bussaco* de António José do Rego (c. 1765- após 1844) é inspirada no ofício do próprio Lord Wellington, publicado na *Gazeta de Lisboa* dia 3 de Outubro, uma semana mais tarde. Apresentada recentemente num artigo de David Cranmer², esta obra descreve com aguçado detalhe o contexto e o decorrer do confronto, referindo as actuações dos regimentos e individualidades principais envolvidos em ambos os lados. A peça de Rego relata os eventos principais da batalha, citando várias passagens do ofício. Foi composta ainda em 1810, poucas semanas após a batalha, tendo sido apresentada anos mais tarde ao rei D. Luís e à família real, relatando-se que *tocada ela, tudo ficou surprezo com crónica musical tão minuciosa dessa batalha memorável*.

A derrota das tropas francesas no Buçaco não impediu o saque raivoso de Coimbra por Massena, dirigindo as suas tropas para tentar conquistar Lisboa. Como resposta, Wellington retirou o seu exército estrategicamente em direcção às famosas Linhas de Torres Vedras. Consistiam num sistema defensivo de fortificações mandado construir por Wellington em 1809 para defender Lisboa das tropas napoleónicas. Localizadas na baixa Estremadura, pretendiam barrar todos os

² D. Cranmer, “A Batalha do Bussaco: um retrato musical”, in *A Guerra Peninsular, Perspectivas Multidisciplinares, Congresso Internacional e Interdisciplinar Evocativo da guerra Peninsular*, Fundação Gulbenkian, Nov. 2007.

acessos à capital, num eixo que ia do Tejo à costa Atlântica. Estas fortificações mostraram-se da maior eficácia, tendo Massena sofrido, nas várias batalhas travadas, numerosas perdas que o levaram, na noite de 15 de Novembro de 1810 e junto às margens do rio Sizandro, à decisão de retirada. A composição **Retirada do Marechal Massena** de João Ferro, publicada no mesmo ano de 1810 e dedicada a Wellington, descreve musicalmente esta ordem de retirada do exército, infantaria e cavalaria francesas por Massena, seguindo-se pela ordem de Lord Wellington de seguir o inimigo, até à vitória final com a sua expulsão de Portugal. Originalmente composta para pianoforte, apresenta-se em concerto numa versão para orquestra por Manuel Durão.



Retirada do Marechal Massena, de João Ferro: excerto da partitura.

Outra peça militar que apresenta uma forma semelhante às duas anteriores é **A Batalha do Vimeiro**, de Joaquim Bachicha (1790-1810). Esta foi a mais importante batalha da Primeira Invasão, travada em 1808 contra Junot. Inclui também descrições de várias cenas da batalha. Desta peça é apresentado um cântico patriótico de agradecimento aos ingleses pelo seu apoio, transcrito mais à frente no texto destas notas.

Como peça central deste concerto apresenta-se a cantata **Hino Lusitano** do ilustre compositor João Domingos Bomtempo (1775-1842). Residindo em Londres desde 1810, esta obra foi apresentada numa grandiosa celebração organizada em Londres pelo embaixador de Portugal em 1811, com o propósito de exaltar a expulsão do exército francês do território português em Abril desse mesmo ano. Sobre versos do poeta liberal Vicente Nolasco da Cunha, transcritos nas páginas que se seguem, é uma obra fortemente influenciada pela euforia que se instalara após a vitória luso-britânica. Tem especial destaque o andamento intitulado a **Marcha de Lord Wellington**.

De João Baldi (1770-1816) apresenta-se a **Marcha de retirada**, curta peça também composta em 1810 e claramente alusiva a Massena, marcando o passo da retirada.

Como abertura da segunda parte deste concerto, apresenta-se um exemplo da música que se ouvia nas salas de concerto nesta altura, obra de um compositor muito em voga na época. Trata-se de João de Sousa Carvalho (1745-1799), a figura mais relevante da música portuguesa da segunda metade do séc. XVIII, com grande influência no legado futuro, tendo sido professor de Marcos Portugal, Domingos Bomtempo, João José Baldi, e António José do Rego, presentes no programa deste concerto. Apresenta-se a abertura da ópera *Penelope nella partenza da Sparta*, iconográfica deste compositor pela escrita plenamente amadurecida e uma notável segurança de expressão das ideias musicais.

Das mais de duas centenas de versos de autores portugueses inventariados³ que relatam o heroísmo anglo-luso, a grande maioria é dedicada ao general Wellington, comandante vitorioso das tropas luso-britânicas durante as três invasões. Wellington foi uma personagem muito aclamada, tendo servido de inspiração e referência a muitos compositores da época. Marcos Portugal dedica-lhe várias cantatas, sendo interpretada a *Cantata em Louvor de Lord Wellington*, composta em 1810, cujas estrofes se encontram nas páginas seguintes. Enaltece os feitos deste herói nas batalhas do Vimeiro e do Buçaco, sendo detentor dos títulos de Duque da Vitória, Conde de Vimeiro, Marquês de Torres Vedras, assim como Comandante Geral vitorioso na Guerra Peninsular e Batalha de Waterloo e Príncipe de Waterloo. De facto, Wellington desempenhou um papel chave na vitória contra os franceses não só em Portugal, mas também posteriormente em Waterloo, no comando da batalha que levaria à derrota final de Napoleão.

Assim, e com um forte simbolismo no desfecho deste percurso histórico-musical, apresenta-se, de Domingos Bomtempo, a cantata *A Paz da Europa*. Composta em 1815, ano da derradeira vitória de Wellington sobre Napoleão em Waterloo, esta obra exalta a paz a que por fim se chegou em toda a Europa, após tantos anos conturbados. Bomtempo afirmou-se sempre como grande defensor dos valores portugueses, assumindo na sua obra posição de relevo os valores da liberdade individual e da soberania da nação portuguesa, como se pode ler nos textos transcritos nas páginas que se seguem. Tendo apenas chegado até os nossos dias uma redução para piano-forte, apresenta-se esta obra numa orquestração por Duncan Fox.

Para encerrar o concerto apresenta-se, de Marcos Portugal, o *Hymno patriótico da Nação portuguesa*, composto em 1810 e dedicado *A Sua Alteza Real o Príncipe Regente D. João VI*. Esta obra teve tal sucesso, ao *estimular os ânimos aos portugueses, convidando-os à continuação de acções heróicas* (vide transcrição do hino nas páginas que seguem) que rapidamente se divulgou e passou a ser entoado solenemente como o primeiro hino oficial de Portugal. Originalmente composta para banda militar, e *para se cantar com muitas vozes, e mesmo à maneira de coro por todo*, apresenta-se numa versão para orquestra por Rogério Medeiros.

Na pesquisa que convergiu no presente concerto, agradecem-se os valiosos contributos de Rui Paiva, David Cranmer e António Jorge Marques, assim como de Catarina Latino e Maria Clementina Gomes da Biblioteca Nacional de Portugal. Para a concretização deste concerto agradecemos ao Dr. Saldanha Lopes, enquanto representante da Câmara Municipal de Mafra, pelo seu entusiasmo por este projecto, à Musicando pelo seu empenho, e à Academia de Música de Santa Cecília pelo seu apoio.

Lúcio Studer, membro do *Quarteto Arabesco*

³ M.R. Lupi Bello, “Os bravos filhos de Albião”, in *Guerra Peninsular 200 anos*, Biblioteca Nacional de Portugal, 2007.



BATALHA DO BUSSACO

Música de António José do Rego

Texto de Lord Wellington

*[...] O inimigo faz dois ataques furiosos pela direita e esquerda do mais alto ponto da serra. Uma divisão inimiga consegue chegar ao cume da altura. [...]
É carregado à baioneta e repellido com uma perda imensa pelo brigadeiro general Crawford com os regimentos 48, 52 e 98 ingleses e o 3º de caçadores portugueses. O gemido dos feridos. [...]*

BATALHA DO VIMEIRO, CÂNTICO PATRIÓTICO

Joaquim Bachicha

*Nação forte e bellicosza
Filha da nobre Albion
Graças vos rendemos
Gratos da nossa restauração*

*Nada temos a offerecer-vos
Somos pobres camponezes
A excepção de huma choupana
Vacas, magras, poucas rezes*

*O lobo devorador
Com pele de manso cordeiro
Destruiu nossa manada
A cabana, o prado, o ribeiro*

*Aos nosso filhos e netos
Diremos acção tamanha
Entre nós será eterno
O nome da Gram-Bretanha*



HYMNO LUSITANO

poesia de V.P.N. da Cunha

música de J.D. Bomtempo

Coro

*Que vejo! Que ouço! Horrisona Trombeta
Rebomba nestes Ares;
Já tremem os Altares:
E já entre as Ruinas
Vejo cair as Neneraveis Quinas*

Recitativo

*Povo de Lysia espera! ... O Susto deixa!...
Oje renasce a Lusitana Gloria!
Do tronca de Braganza,
Gentil reverdescendo,
Esmalte ganha do Britano Auxilio,
E os Tyranos deslumbra que a pisavam.*

*Vê como no Buzaco,
A Voz de Wellington (flagello e sisto
Das Gallicanas Aguias)
Para a Victoria corre.
A Gente Bellicora,
Que Beresford Activo,
Nos Segredos de Marte industriàra.*

*Olha Trant em Coimbra – en' Alpedrinha,
Grant-Bacellar Silveira em toda a parte.
E os mais que a Fama canta.
Exulta Lysia pois! – Tu Productora
De Glorioza Gente;
Pequeno Espaço occupas, e allumias
A todo o Continente.*

Cavatina Como Coro misturado

*Mal pode adverso fado,
Ou Seva Tyrانيا;
Da Luza Monarquia
A Gloria contrastar*



*Ardente Amor da Patria,
E Ingenito Valor;
Souberam o Penoer,
Ao Principe Guardar.*

Coro

*As Armas que faltavam
Albion Generosa as prometeo;
E em tanto na Rollisa e no Vimeiro
Sangue proprio verteo*

*Armados finalmente
Anglos e Lusos a par;
Souberam a Coróa,
Ao Principe Salvar*

*Viva Joanne e Reine| e do Tyrano
Frustrada fique a perfida Experanza.
Foi descoberto o Engano,
Ficou mais firme o Sceptro de Braganza.*

Aria

*Joanne o Charo Nome,
Que o Povo Luzo adora,
Soube da Patria agora,
O Barbaro expulsar.*

*Uniste os Hemispherios,
Em Vinculos iguaes!
Virá cada vez mais,
O Throno a prosperar.*

Marcha de Lord Wellington

*Viva Joanne e Reine! ...
Que o Luzo Povo raro
Com Wellington Preclaro
Sempre triumphará.*

*Da Luza resistencia
E do Britanno Heroe,
Por onde a Fama voe,
A Gallia tremerá*



CANTATA EM LOUVOR DE LORD WELLINGTON

Música de Marcos Portugal

*Ama Patria Leis e Throno,
Quem aplaude seu bom plano.
He a favor do tirano,
Quem se atreve a murmurar.
He Wellington junto dos Luzos!
Qual perito Agricultor
Que verter sabe o suor
Para afructo utilizar*

*Não tem medo Heroe que espreita,
Da guerra o precizo Lance.
Que o Leao antes que avance,
Sabe astuto a preza olhar.
He Wellington junto aos Lusos!
Sabio Nauta que não teme
Dirigir affoito o Leme
Pelas ondas d'alto Mar.*



A PAZ DA EUROPA **música de J.D. Bomtempo**

Guerra

*Com que ilusão a credula Alegria
da fragil Paz da Europa se gloria,
Sem se temer de profanar meu nome,
Se herve não há que minha fúria dorme;*

*A Paz só busca animos medrosos,
E eu emprego os Heroes mais valerosos,
Que inda prostrados, prezos e vencidos,
Guardam na alma os espiritos erguidos*

*Para tentar, com animo valente,
A voluvel fortuna novamente.
Quem poderá privar a Natureza
Da sua força, e indomita fereza.*

*E em quanto a ambição reinar na Terra,
Heide invocada ser.
Guerra e mais Guerra.*

Valôr

*Suspende os Gabos teus perfida Guerra
Que he este o braço que a tua fura aterra!
Devêras appender em toda a historia,
Que a onde quer que eu vou vai a Victoria.*

*Triumphaste por traiçoens, por indolencia,
Mas fugiste ao Valôr, a alta prudência
Com que te asorbei em toda a parte,
Dando inveja a Bellona, assombro a Marte.*

Valôr e Guerra

*[Valor] Não temo despotismo que a tua fúria atiça.
[Guerra] Eu abrirei o abismo que a Europa ha de tragar
[Valor] Em quanto houver Valôr eu hei de dominar
[Guerra] Em quanto houver Cobiça eu hei de dominar*



Fidelidade

*Piedoso Ceo, a Fé, o ardente zelo,
Em que me abrazo, com que me disvello
Em honra vossa, e em favor da Terra,
Sô pede em premio aniquiles a Guerra:*

*Que cumpra a promessa ao meu Rey feita.
Por voz firmada, e por elle aceita.*

*Barbara Guerra a tua potestade,
Quando se une ao Valôr Fidelidade
Em vão brama, e se esforça em vão porfia,
Eia Valor, presiste, e em mim confia.*

Alegria

*O Ceo, aqui me envia,
Da Paz sou ocmpanheira,
Venho da Europa inteira,
A gloria annunciar*

Coro

*Principe Amavel Regente,
Estes votos acceitai,
Ao Reino fiel voltai
Somos Vassalos e Filhos;
Vos sois Principe, e sois Pay.*

Coro

*Cantemos, Ornemos de Glória Immortal,
Firme Grã Berttanha, Fiel Portugal,*



HYMNO PATRIOTICO DA NAÇÃO PORTUGUEZA **Música de Marcos Portugal**

*Eis Principe Excelso
os votos sagrados
que os Lusos honrados
Vêm livres fazer*

*Por vós pela Pátria
O sangue daremos
Glória só temos
Vencer ou morrer*

*Aos mares vos destes
A bem dos vassalos;
Julgando livra-los
Do impio poder.*

*Malgrado o Tirano,
Em breve vireis,
Os Luzos fieis
Vós mesmo reger.*

*Hum Deos vos escuta,
Ó Principe Caro:
Deos he nosso amparo,
Não ha que temer.*



BIOGRAFIAS

Manuel Duro - orquestrador. Estudou na Escola de Música N.^a Sr.^a do Cabo, onde concluiu o curso básico de Percussão e o curso complementar de Trompete. Em 2004, 2005 e 2007 frequentou os estágios de Verão de Direcção de Orquestra em Leiria, sob a orientação de Jean-Sébastien Béreau. É licenciado em composição pela ESML onde estudou orquestração com Roberto Pérez e estuda desde 2007 na Hochschule für Musik und Theater Leipzig. Recebeu Menção Honrosa no Prémio Lopes Graça de Composição 2004. Foi premiado na Mostra Jovens Criadores 2005 e representou Portugal na Bienal da CPLP em 2006. Foi um dos compositores seleccionados para a fase final do Concurso Ópera em Criação 2008, organizado pelo Teatro Municipal São Luiz, com a ópera curta “A Chorona”. É bolseiro da DAAD para os seus estudos na Alemanha.

Duncan Fox - orquestrador. Iniciou os seus estudos musicais aos oito anos de idade, primeiramente em piano e, três anos mais tarde, contrabaixo. O estudo destes instrumentos levaram-no a frequentar a Royal Academy of Music (classe júnior) e posteriormente a Royal Northern College of Music, escola em que se diplomou em 1992. Enquanto aluno na Royal Northern College of Music, ganhou especial interesse pela prática da música antiga e, conseqüentemente, ao estudo da viola da gamba e do cravo. Em 1993 veio para Portugal para fazer parte da então recentemente criada Orquestra Sinfónica Portuguesa, na qual obteve a posição de contrabaixista (coordenador de naipe adjunto) Colaborou com variadíssimos agrupamentos e orquestras de música barroca tais como: Concerto Atlântico; Capela Real; Segréis de Lisboa; Divino Sospiro, Concerto Campestre; Ensemble Arabesco; Ensemble Experimental e Sete Lágrimas. Fez dois arranjos para o projecto "La serena" de Tereza Salgueiro. Fez várias composições para crianças assim como um concertino para flauta e contrabaixo baseado numa canção Sueca. Fez arranjos para a Contraorquestra (12 contrabaixos) e Orquestra Metropolitana.

Rogério Ferreira de Medeiros - orquestrador. Iniciou os seus estudos musicais em 1989 no Conservatório Regional de Ponta Delgada. É licenciado em composição pela ESML, concluindo a licenciatura sob a orientação de António Pinho Vargas. Concluiu igualmente a Licenciatura em violoncelo na ESML, na classe da Prof^a Clélia Vital. A sua actividade divide-se entre a composição e o violoncelo. Foi membro da Orquestra Sinfónica Juvenil. Colaborou com a Orquestra Sinfonietta de Lisboa, Orquestra da Companhia de Ópera, *Ensemble Plim* e o Grupo de música Contemporânea da ESML. Frequentou cursos de aperfeiçoamento do instrumento com Levon Mouradian, Vaclav Bernasek, Peter Bruns e Paulo Gaio Lima. Actualmente faz parte do grupo de música contemporânea Contemporaneus e da Orquestra de Câmara Portuguesa. Colabora regularmente com a Orquestra Gulbenkian. Em 2005 foi-lhe atribuída uma menção honrosa no concurso de composição “João Pedro Oliveira” pela obra- “*Melodrama Musical*” (para 10 instrumentos). Neste mesmo ano foi estreada pelos “*Violonseis*” (sexteto de violoncelos) a sua obra- “*Versos*” no Auditório 2 da Gulbenkian. Frequentou o seminário de Composição orientado por Emmanuel Nunes. Em Julho de 2006 foi-lhe atribuída uma menção honrosa no concurso internacional de composição Fernando Lopes Graça pela obra “*O Lobo, o Capuchinho e a Avó*”.

Sandra Medeiros - soprano. Nasceu em S.Miguel, Açores. Estudou no Conservatório Regional de Ponta Delgada com Imaculada Pacheco. É licenciada em Canto pela Escola Superior de Música de Lisboa tendo integrado a classe da professora Joana Silva. Como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Nacional de Cultura prosseguiu estudos de pós-graduação em canto na Royal



Academy of Music em Londres, onde se graduou com “Distinção”, obteve o Dip. RAM e o prémio Amanda von Lob memorial Prize. Frequentou cursos de aperfeiçoamento com personalidades do meio musical erudito tais como Ileana Cotrubas, Teresa Berganza, Gundula Janowitz, Jill Feldmann, entre outros. Foi premiada em concursos nacionais e nos concursos Isabel Jay Singing Prize e Elena Gerhard Lieder Prize em Londres. Foi finalista nos concursos Wigmore Award (Londres), XVII Concours International de Chant de Marmande (França) e no 2º Mediterrâneo International Opera Competition (Bari/Itália-2009). Obteve ainda, o 2º Prémio no V Concurso Internacional de Canto Bidu Sayão no Brasil. Gravou para a RTP, RTP-Açores, RTPi e RDP (Antena 2). Tem participado nos principais festivais de música do seu país e nos de Macau, Plasencia (Espanha), Festival Musicatlântico (Açores), London Bach Festival e Brancaster Midsummer Music Festival (Inglaterra). Actuou ainda na Expo 98 (Lisboa), Expo An Meer 2000 (Alemanha) e na Festa da Música 2006 (CCB- Lisboa). No estrangeiro Sandra Medeiros actuou em Espanha, Luxemburgo, Alemanha, Inglaterra, Brasil e Uruguai.

Sara Amorim – contralto. Iniciou os seus estudos de Canto em 2006, na Escola de Música Maiorff, na classe do Prof. Pedro Teles. Terminou em 2009 o Curso Superior de Canto da Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto, na classe do Prof. Oliveira Lopes. Ganhou o prémio para melhor interpretação de canção portuguesa no “Concurso de canto lírico da Fundação Rotária Portuguesa 2009”. Ficou seleccionada como coralista nível A/ solista em audições prestadas para o Coro da Casa da Música. Como contralto solista, cantou obras como: “Requiem” de G. Donizetti, “Requiem” de D. Bontempo, “Oratória de Natal” de S. Saens e “Missa” de Lobo Mesquita. Interpretou os papéis de Bruxa e de Haensel na ópera “Haensel und Gretel” de Humperdink, com encenação de António Durães. É também licenciada em oboé pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto, tendo sido aluna do Prof. Nelson Alves.

João Cipriano Martins - tenor. Natural da ilha São Miguel, é licenciado em Ensino de Música - Canto, pela Universidade de Aveiro. Estudou técnica vocal com Larissa Savchenko, Imaculada Pacheco, Isabel Alcobia e João Lourenço. Realizou cursos de aperfeiçoamento com Ralph Döring, Laura Sarti, Pat McMahon, Mário Alves e Michael Rhodes. Como solista, do seu repertório destacam-se; em oratória: *Messiah* de G.F. Händel; *Requiem* de W.A. Mozart; *Die Jahreszeiten* e *Die Schöpfung* de J.Haydn; *Messa di Gloria* de G. Puccini; *Te Deum* de A. Bruckner; *Stabat Mater* de A. Dvorák. Em ópera: Tamino em *Die Zauberflöte* de W.A.Mozart; Don José em *Carmen* de G.Bizet; Professor de Música em *A Floresta* de E. Carrapatoso; no elenco de *Evil Machines* de L. Tinoco e T. Jones; como Nemorino em *O Elixir d’Amor*, adaptação portuguesa de Nuno Côrte-Real da ópera *L’Elisir d’Amore* de G. Donizetti. Tem vindo a trabalhar com diversos maestros e orquestras nacionais.

Armando Possante - baixo. Começou os seus estudos musicais no Instituto Gregoriano de Lisboa, escola onde lecciona desde 1993. Concluiu na Escola Superior de Música de Lisboa o Bacharelato em Direcção Coral e as Licenciaturas em Canto Gregoriano e Canto na classe do professor Luís Madureira. É actualmente professor de canto nesta mesma escola. Iniciou os seus estudos de canto em 1988 com a professora Mariana Bonito d’Oliveira. Desloca-se com regularidade a Viena, onde trabalha com a Professora Hilde Zadek. É director musical e solista do Grupo Vocal Olisipo, solista do Coro Gregoriano de Lisboa e cantor convidado do Nederlands Kamerkoor tendo-se apresentado em concertos em toda a Europa, Japão e América do Norte e gravado mais de uma dezena de CDs. Conquistou o 3º prémio no Concurso Vozes Ibéricas, o 3º



prémio no Concurso Luisa Todi e o 1º prémio no Concurso de Interpretação do Estoril. Apresentou-se como solista de oratória nas principais obras do repertório de concerto e em ópera em papéis principais nas óperas *Così fan Tutte*, *L'Amore Industrioso*, *La Donna di Génio Volubile*, *As Variedades de Proteu*, *Dido and Aeneas*, *Venus and Adonis*, *La Dirindina*, *La descénte d'Orphée aux Enfers*, *A Floresta*, e *L'Elisir d'Amore*.

Marcos Magalhães – cravo e direcção. Nascido em 1973 em Lisboa, é diplomado pela Escola Superior de Música de Lisboa e pelo Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, tendo obtido, nesta última instituição, primeiros prémios em cravo e em baixo-contínuo, em 1999. Iniciou o estudo do cravo com Cremilde Rosado Fernandes, aos dez anos de idade. Para além de participar nos cursos da Academia de Música Antiga de Lisboa, com Ketil Haugsand, prosseguiu os seus estudos na Escola Superior de Música de Lisboa, até 1994, tendo ingressado, neste último ano, no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde estudou com Kenneth Gilbert, Christophe Rousset, Kenneth Weiss, Françoise Marmin e Pierre Hantaï, na qualidade de bolseiro do Governo Francês (de 1995 a 1998) e da Fundação Calouste Gulbenkian (de 1998 a 2000). Em 1997, integrou a Orquestra Barroca da União Europeia, que se apresentou em Espanha e na República da Irlanda, sob a direcção de Bob van Asperen. Tendo feito a sua estreia profissional, a solo, por convite do maestro José Atalaya, em 1994, Marcos Magalhães tem, desde então, desenvolvido intensa actividade de concertos, tanto em Portugal como no estrangeiro: com o Ensemble Barroco do Chiado, na Temporada Gulbenkian de Música e Dança; na «Festa da Música» do Centro Cultural de Belém; nos festivais de Espinho e Mafra; nos «Encontros com o Barroco» do Porto e no pequeno auditório do Centro Cultural de Belém. Colaborou com os agrupamentos *Orphée et Caetera* e *Les Folies Françaises*, em concertos em Paris e Bratislava, no festival "les Baroquiales", em Nice, e no Festival dos Capuchos. Marcos Magalhães participou na produção das óperas: *Platée de Rameau* (com Gilles Ragon, Jennifer Smith e direcção de Harry Christophers) e *As Bodas de Fígaro* de Mozart, no Teatro da Trindade, com o maestro Fernando Fontes; ópera *La Spinalba* de Francisco António de Almeida, no Centro Cultural de Belém. Em Abril e Maio de 2001, tocou no festival «Raízes Ibéricas» a integral das Partitas de J. S. Bach. Integrou a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Orquestra de Câmara Pedro Álvares Cabral. Durante o ano de 2001, foi Professor-Acompanhador na EPABI (Covilhã). No domínio pedagógico, destacam-se as conferências "Introdução à música barroca Portuguesa", que proferiu na Bibliothéque Buffon e no Instituto Camões em Paris, assim como dois estágios que orientou na Escola Superior de Música de Lisboa, respectivamente de afinação de cravos e de introdução ao baixo-contínuo. Em 2002 participou, como pianista co-repetidor, no Atelier Lírico orientado pela professora Elena Dunitrescu-Nentwig. Em Fevereiro de 2003, orientou o Curso de Flauta de bisel e Cravo (com Pedro Sousa Silva) no Conservatório Regional da Madeira. Recentemente, tocou com o Ensemble Barroco do Chiado, a convite da Fundação Oriente, na Índia (Nova Deli, Goa e Bangalore) e Sri Lanka (Colombo). Desde Janeiro de 2004 é membro da Orquestra Metropolitana.

Ensemble Arabesco. Este ensemble tem como génese o Quarteto Arabesco, agrupamento que, de forma pioneira em Portugal, se tem dedicado a interpretações historicamente informadas, em instrumentos da época, de música dos períodos barroco e clássico. É composto por Denys Stetsenko (violino), Raquel Cravino (violino), Lúcio Studer (violela) e Ana Raquel Pinheiro (violoncelo). O Quarteto Arabesco tem-se evidenciado como um agrupamento de excelência, com uma abordagem original do mais variado repertório, sendo os seus programas resultado de uma



pesquisa aprofundada. Estreou-se em 2006 com o Requiem de Mozart numa versão de 1810 para quarteto de cordas recentemente redescoberta e estreada em Portugal.

Desde a sua estreia em 2006 já se apresentou em mais de 50 concertos, com os mais variados e ousados programas, tanto na formação de quarteto como em ensembles mais alargados. Já participou ou tem agendados concertos em festivais tais como o Festival Internacional da Madeira, Festival Música em Leiria, Temporada Musica em S. Roque, Semana Santa de Óbidos, Festival Maio Barroco de Óbidos, Ciclo Órgãos Históricos de Mafra, Festival de Órgão de Faro, Festival Internacional de Órgão de Lisboa, Festival Terras sem Sombra e Encontros de Musica Antiga de Loulé, assim como nas principais salas de concerto do país, tais como o Teatro D. Maria II, Igreja da Cartuxa, Mosteiro dos Jerónimos, Casa da Música, Centro Cultural de Belém, Culturgest e Fundação Calouste Gulbenkian.

Em formações mais alargadas, colabora com solistas de renome tais como Rui Paiva (órgão), Pedro Castro (oboé), António Carrilho (flauta bisel), Maria Luisa Tavares (canto), Ana Leonor Pereira (canto) e Pedro Jóia (guitarra). Colabora com agrupamentos tais como La Nave Va, Flores de Música, Concerto Campestre, Grupo Vocal Olisipo, Coro de Santa Maria de Belém, Coro Opus 21 e Músicos do Tejo. Entre outras participações, são de destacar os seguintes concertos: *Cantata Membra Jesu nostri*, de Buxtehude, com o Coro de Santa Maria de Belém, (Mosteiro dos Jerónimos, Igreja de São Roque, 2007); *Dido e Eneias* de Purcell, com o Grupo Vocal Olisipo e La Nave Va (Auditório Municipal de Espinho, 2007); *Classicismo e Musica Galante*, com Pedro Castro (Castelo Branco 2007; Teatro D. Maria II, 2007; Universidade Lusófona, 2008; X Encontro de Musica Antiga de Loulé, 2008); *Música Ibérica*, com Pedro Jóia (Igreja da Cartuxa, 2008); *Ensemble Musices Opusculum* (Igreja S. Pedro Alcântara, 2008); *O Fim do Império - O Brasil Independente* com o Coro Opus 21 (Basílica de Mafra, 2008); *Da Palavra à Música* com o Coro Opus 21 (Igreja da Encarnação, 2008); *Corais e cantatas de Bach* com Rui Paiva e Ensemble Barroco La Nave Va (Igreja do Livramento, 2008); *La Serva Padrona* de Pergolesi, com o Ensemble barroco La Nave Va (Temporada de Cravo de Óbidos, 2008); *Pedro Joia* (Casa da Música, 2008, Centro Cultural de Belém, 2009); *Fado* com Mafalda Arnauth e Pedro Jóia (Casa da Música, 2008, Casino da Figueira da Foz, 2009); *Música em diálogo*, com o Coro Santa Maria de Belém (Mosteiro dos Jerónimos, 2008); *Cantatas e Concertos de Bach*, com Rui Paiva e o Ensemble La Nave Va (Óbidos, 2008); ópera *Vaca Flatterzunge* de Vitor Rua (Culturgest, 2009); *Stabat Mater* de Boccherini com Ana Leonor Pereira (Óbidos, 2009); *Música de Câmara com órgão*, com Rui Paiva (Festival Internacional de Música da Madeira e Festival Internacional de Música de Leiria, 2008, Fundação Gulbenkian, 2009).